

THE MEDIATIONS AND THE CULTURE
The studies of reception as a pedagogic alternative to the realization
of identities and of the other.

Key words: Culture – Popular Education – Social Movements – Studies on reception – mediation.

ABSTRACT

This study focuses on the mediations from which a group of teachers from a public school in a settlement of the Landless Workers Movement - MST - choose audiovisual language resources (TV and video) to be used in the context of the school. Based on the category of "mediation" developed by the Latin American Modern Tradition of the Studies on Reception, it was verified that the mediations, product of the cultural and political experiences of the teachers, manifest themselves in their commitment in a project of rupture with the hegemonic discourse toward the building of a culture profoundly characterized by the political.

This study was originally presented at a Discussion Group Education, Culture and Society in November 2000, is part of an Integrated Project of Research "Cross-cultural Education: Challenges and Perspectives do the Ethnic Identity and Plurality in Brazil" and articulated to the Research Network "Cross-cultural Education and Social Movements: Citizenship and Recognition of Identities in the South of Brazil", coordinated by Professor Dr. Reinaldo Matias Fleuri, financed by CNPq.

AS MEDIAÇÕES E A CULTURA
Os estudos de recepção como alternativa pedagógica
para a percepção das identidades e do outro.*

Maurício José Siewerdt ¹
Reinaldo Matias Fleuri ²

Palavras-chave: Cultura – Educação Popular – Movimentos Sociais – Estudos de recepção – mediação.

Trabalho apresentado em:
FLEURI, R. M., SIEWERDT, M. J. *As mediações e a cultura: os estudos de recepção como alternativa pedagógica para a percepção das identidades e do outro*. Reflexão e Ação. , v.10, p.89 - 109, 2002.

RESUMO

Este estudo focaliza as mediações a partir das quais um grupo de professores de uma escola de assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST selecionam recursos da linguagem audiovisual (televisão e vídeo) para a sua utilização no contexto do espaço escolar. Tendo como referência a categoria de “mediação”, desenvolvida pela Moderna Tradição Latino Americana dos Estudos de Recepção, verificou-se que as mediações, produtos da experiência cultural e política desses professores, se manifestam na forma do engajamento em torno de um projeto de ruptura com o discurso hegemônico, na direção da construção de uma cultura profundamente marcada pelo político.

1. Introdução

O presente artigo se propõe a apresentar algumas reflexões sobre uma dissertação de mestrado³. É importante registrar, primeiramente, que este processo, que culminaria na referida dissertação, começou com a pretensão de “levar” aos professores pesquisados de três escolas vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no município de Fraiburgo, Santa Catarina, a “alfabetização” em linguagem audiovisual.

Ainda antes de adentrar o tema que pretendemos aqui abordar, cumpre acrescentar que restringiremos esta exposição a algumas reflexões de cunho teórico que emergiram ao

Este estudo foi originalmente apresentado no GT Educação, Cultura, Sociedade do III Seminário Pesquisa em Educação Região Sul em novembro de 2000, faz parte do *Projeto Integrado* de Pesquisa “Educação Intercultural: Desafios e Perspectivas da Identidade e Pluralidade Étnica no Brasil” e articulado à *Rede de Pesquisa* “Educação Intercultural e Movimentos Sociais: Cidadania e Reconhecimentos Identitários no Sul do Brasil”, coordenados pelo Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri com financiamento do CNPq.

¹ Maurício José Siewerdt é Mestre em Educação pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Integra também o Núcleo *Mover - Educação Intercultural e Movimentos Sociais*, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, e é professor do Curso de Pedagogia no Centro de Educação Superior da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

² Reinaldo Matias Fleuri é Doutor em Educação pela Universidade de Campinas (1988) e Professor Titular em Fundamentos Epistemológicos da Educação na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Coordena o Núcleo *Mover - Educação Intercultural e Movimentos Sociais*, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ A dissertação de mestrado em Educação “Da Cultura como mediação à mediação como cultura Política: um estudo de recepção com educadores do MST frente aos recursos audiovisuais”, de autoria de Mauricio José Siewerdt, foi defendida em junho de 2000 na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Dr. Reinaldo Matias Fleuri e co-orientação de Gilka Elvira Ponzi Giradello.

longo do período de elaboração do projeto e da dissertação. Este alerta, que ora estamos dando ao leitor, tem o sentido de preveni-lo quanto a possíveis lacunas que eventualmente possam surgir no que diz respeito a maiores expectativas sobre as falas tomadas de empréstimo dos entrevistados e que se encontram somente presentes no trabalho que deu origem a este artigo. Obviamente, algumas poucas aparecerão com o sentido de dar sustentação pragmática quanto ao encadeamento lógico-teórico aqui desenvolvido.

Em princípio, acreditávamos que, para capacitar os professores, bastaria tratar de conduzi-los em uma incursão pelos “guetos” simbólicos daqueles que operam com a linguagem audiovisual. Isto é, bastaria familiarizá-los com os “planos”, “cortes”, “seqüências” e mais um pouco da história do cinema e da televisão e, assim, estariam “preparados” para compreender o universo do “fazer”. Agindo dessa forma, acreditávamos estar forjando hábeis leitores desse tipo de linguagem. Ou seja, pretendíamos implementar um programa de “alfabetização” para as imagens em movimento e, posteriormente, averiguar, através de um questionário, o quanto os professores haviam apreendido. Mas veremos a seguir que não foi isto o que acabou acontecendo.

Logo em nossa primeira viagem ao Assentamento Vitória da Conquista, em outubro de 1998, ao falarmos de nosso projeto de pesquisa e pedirmos autorização aos professores para entrevistá-los, dois episódios alterariam profundamente o percurso dessa caminhada. Um primeiro fato nos chamava a atenção: ao apresentarmos o objeto de nossa investigação, os professores prontamente concordaram com a sua realização. Bastaria marcarmos as datas, e os trabalhos com uma oficina de vídeo seriam iniciados. Eles estavam muito empolgados com esta idéia. Entretanto, à medida que íamos conversando, qual não foi a nossa surpresa quando os professores passaram a falar de maneira crítica e perspicaz acerca dos meios e instituições que produzem os audiovisuais.

Ao retornarmos a Florianópolis, duas questões nos inquietavam: como estaríamos levando aos professores um conjunto de informações sem anteriormente sondar quais seriam seus pontos de vista e seus posicionamentos sobre o problema da utilização dos recursos audiovisuais no interior do espaço escolar? Ou ainda, se já em nossas primeiras conversas eles demonstravam propriedade crítica acerca da interferência das mídias em sua comunidade, nos perguntávamos: afinal, como teriam se formado nos professores este olhar e estas posturas frente aos produtos audiovisuais?

Foi a partir daí, que uma incursão pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, mais precisamente por um tema que vem sendo estudado pela professora Aglair Bernardo, os Estudos de Recepção, trouxe à luz possibilidades teóricas e metodológicas de investigação que desconhecíamos.

Estas novas abordagens no campo da comunicação social fazem parte de uma tradição dos estudos de recepção que, dos anos 1980 para cá, na América Latina, tem servido como paradigma teórico-metodológico para a investigação das relações entre produtores e consumidores dos meios de comunicação. Os pressupostos teóricos que embasam esta vertente partem da concepção do processo comunicativo como um espaço de negociações pela hegemonia cultural. Isto é, os produtos veiculados pelas mídias seriam resultado de um jogo de forças entre produtores e consumidores, onde teríamos nos produtos a expressão de um espaço de negociações mediatizado pela cultura de ambos.

Do ponto de vista da Educação Popular, como linha de investigação, fomos apercebendo-nos da existência de uma lacuna teórica que possibilitasse olhar as relações entre os sujeitos e as mídias. Nesta linha de investigação, pudemos nos dar conta de como as teorias da dependência e da indústria cultural de massa continuam sendo referendadas como fortes paradigmas de análise da relação do popular com os meios de comunicação.

Nesse sentido, tratamos de tentar comprovar nossas suspeitas de como os pesquisadores da Educação Popular no Brasil, com base nos referenciais teóricos acima

descritos, quais sejam os das teorias da dependência e do modelo Frankfurtiano, têm procurado compreender a influência das mídias, especialmente a televisão, no interior das comunidades populares e nos movimentos sociais. E, ainda, como os sujeitos sociais interagem com os meios e com as instituições que produzem as mensagens.

Apenas como exemplo do que vínhamos argumentando sobre os pesquisadores da Educação Popular no Brasil, podemos auferir em Alder Calado, que referindo-se à sociedade e à educação brasileira, afirma que:

...acentuadamente marcadas pelos conflitos sociais, inclusive os de classe, trata-se de um cotidiano extremamente pródigo em fatos, ocorrências e situações, de que se servem diferentes setores das classes dominantes para manter e ampliar e, se possível lhes fora, perpetuar o controle das decisões fundamentais da vida social, econômica, política, cultural, ideológica... Basta ver o **profundo alcance ideológico dos meios de comunicação de massa**, por meio dos quais a **Rede Globo**, por exemplo, se dá ao luxo de não somente '**fazer a cabeça**' de enormes parcelas da população, como ainda tem o desprazer de fazê-lo, dizendo-se neutra, isenta, independente...⁴ (grifos nossos)

Também sobre este problema discorre Severina Nascimento:

A incapacidade do sistema para responder às demandas diversificadas dos diferentes setores sociais, o crescimento das desigualdades econômicas e o **avanço dos meios de comunicação**, permitindo o **aumento do poder dos aparelhos de dominação simbólica**, que se estende como os fios de uma malha envolvendo todos os domínios, os espaços e os gestos do social, conduzem à fragmentação dos lugares de conflito e **ao surgimento de novos atores sociais**, mas também à busca de novas e diversificadas formas de ação social e política.⁵ (grifos nossos)

Ou ainda Elisa Gonçalves, referindo-se ao pensamento da Pedagogia Crítica Atual, afirma que:

O problema que se coloca, diante de um processo do **agir comunicativo**, é que muitas das **suas deformações**, que são obstáculos para o sucesso dos diálogos, existem porque ocorrem numa sociedade desigual. Essas deformações, muitas **advindas de manipulação político-ideológica e da mídia**, são mecanismos que **legitimam a dominação**, pois impedem a problematização, a tematização discursiva das normas interativas.⁶ (grifos nossos)

Por outro lado, também vimos como os pressupostos teóricos da Moderna Tradição Latino Americana dos Estudos de Recepção, que podemos encontrar em Barbero (1987), Cordeliani, Gaitan & Orozco (1996), Souza (1995), Fíguro (1998), Lopes (1993), Araújo & Jordão (1995) e Borelli (1995), foram adotados como paradigma teórico para a realização desta pesquisa. Por sua vez, estes pressupostos em muito se aproximam da concepção que baliza as relações entre sujeito e sociedade que encontramos na vertente freireana da Educação Popular. Isto se dá, segundo o esforço por nós realizado no sentido de aproximação destes dois modelos, essencialmente pelo fato de que ambas vertentes de pesquisa têm procurado compreender o popular a partir da investigação dos sentidos

⁴ CALADO, Alder Júlio Ferreira. Reproblematizando o(s) conceito(s) de Educação Popular. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Educação Popular Hoje*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 139.

⁵ NASCIMENTO, Severina Ilza do. Repensando a Educação Popular no Processo de Metamorfose da Sociedade Global — novas problemáticas. *Ibidem*. p. 241.

⁶ GONÇALVES, Elisa Pereira. Educação Popular: entre a modernidade e a pós-modernidade. *Ibidem*. p. 227.

atribuídos às coisas do mundo pelo popular como lógicas diferenciadas, e que muitas vezes são incompreendidas pelos segmentos eruditos de produção do saber.⁷

Acreditamos que estas lógicas produzidas pelo popular, no caso, os professores das escolas pesquisadas, podem ser encontradas nas mediações que, constituídas pelas próprias consciências dos sujeitos — interpelados pela cultura e pela ideologia —, acabam se materializando num espaço de negociações pela hegemonia cultural entre produtores e consumidores dos produtos audiovisuais. E, com efeito, são estas mediações que nos permitem localizar e interpretar os sentidos e os significados que os sujeitos atribuem à relação que estabelecem com estes meios. Nesse sentido, segundo Robert White:

As mediações constituem um tipo de “espaço”, no qual diversas construções de significado podem acontecer, dependendo da lógica cultural do receptor e da possibilidade de negociação que se estabelece para a construção do significado.⁸

No entanto, para chegarmos às mediações, a nossa primeira tarefa seria a de investigar os professores quanto aos usos e significados da televisão e do vídeo no seu cotidiano escolar. Isto é, a importância dos sentidos que os professores atribuem à discussão sobre a relação televisão-escola.

Foi a partir daí, então, que, concretamente, a pesquisa daria uma guinada de 180° na sua forma metodológica na abordagem do objeto que pretendíamos investigar na sua relação com os professores.

Para tanto, foi decidido que um grupo de 8 (oito) professores das três escolas seriam selecionados aleatoriamente, de maneira que fossem entrevistados e observados em seus cotidianos. O eixo das entrevistas e das observações preocupar-se-ia com a contemplação e o registro das manifestações destes professores quando nas suas construções simbólicas e de sentidos nas suas relações com o fenômeno audiovisual ao longo de suas vidas e no cotidiano escolar.

Mas, ao pretendermos avaliar a relação simbólica que estes professores estabelecem com as mídias, apercebemo-nos de que esta investigação deveria transcender o espaço escolar, indo além, na direção de investigá-los em suas histórias de vida. E ao assim procedermos, mergulhamos “com” eles num exercício de esforço de rememoração de suas próprias vidas, rumo ao entendimento da formação da cultura e da identidade em cada um deles como mediações fundamentais para a compreensão de suas relações com as mídias. Sobretudo, porque defendemos esta idéia, estas mediações aqui aparecem como elemento de materialização das culturas constitutivas destes sujeitos-professores. Isto é, ao descrevermos como e quando o cinema e a televisão entram nas vidas dos professores e com quais significados, conseguimos também materializar que elementos teriam colaborado para que, ao longo de suas vidas, começassem a olhar estes produtos da indústria cultural de maneira crítica.

Vimos, também, até que ponto o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra⁹ teria colaborado como mediação alterando as posturas dos professores à medida que iam convivendo neste cotidiano. Também pudemos incursionar com os professores em seus cotidianos e buscar aí, em seus momentos de privacidade, o tempo que dedicam rotineiramente ao contato com a televisão e o vídeo, bem como os programas e filmes de

⁷ A oposição “popular” e “erudito” aqui se encontra no sentido de explicitar a contraposição entre os sujeitos que se apropriam, ou não, das diversas linguagens-padrão utilizadas pela humanidade. Nesse sentido, os termos somente aparecem como referência à compreensão e apropriação da linguagem audiovisual.

⁸ WHITE, Robert A. Tendências dos Estudos de Recepção. In: *Comunicação e Educação*, São Paulo, (13): 41 a 66, set./dez.. 1998. p. 55.

⁹ O termo “Movimento”, com a inicial maiúscula, aparecerá ao longo deste trabalho como menção ao movimento social em que se inserem os professores, qual seja, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

suas preferências quando se encontram fora da escola. E, finalmente, entendendo que o espaço da entrevista acabou se constituindo em um espaço de diálogo, de troca de saberes, resultou daí uma rede de novas mediações.

2. Os Estudos de Recepção: potencialidades investigativas para a Educação Popular

Ainda hoje, o paradigma que impera na investigação das audiências, em muitas pesquisas de opinião pública, opera com a idéia dos impactos e dos efeitos. Sobre isto, Inesita Araújo e Eduardo Jordão consideram que:

Impacto traz subjacente a idéia de um emissor-atirador que emite-dispara uma mensagem-projétil em direção a um público-alvo que está lá, homogêneo, estático como um muro e que vai continuar lá, imóvel, permitindo que se verifique se o alvo foi atingido e a profundidade do rombo. (...) Mas a maioria dos estudos que avaliam impacto ignora a dinâmica e as pluralidades sociais, despreza a cultura e a história dos receptores, não leva em conta a existência de outros atores, outras fontes de informação, outros discursos em cena...¹⁰

O que podemos depreender daqui, é que existe um esforço por parte dos pesquisadores dos Estudos de Recepção em materializar as invisibilidades que se encontram acobertadas pela multiplicidade das subjetividades, provenientes das culturas constitutivas dos sujeitos sociais. Ou seja, à medida que empreendem uma busca pelos sujeitos receptores, a partir do empréstimo das falas destes mesmos sujeitos, acabam enveredando para o interior do popular não mais impactado, mas dissolvido em multiplicidades perceptivas.

As falas dos sujeitos sociais demandam uma sondagem criteriosa sobre seus posicionamentos e posturas frente aos fenômenos que se apresentam diante de seus olhares e ouvíres. Acreditamos que nem sempre tais posturas sejam de sujeição e prostração. Existe um imperativo quanto à necessidade de sondar esta possível multiplicidade de olhares e de ouvíres.

Diante do quadro apontado até o momento, parece sensato afirmar a necessidade de a Educação Popular buscar outras referências, outros “braços” teóricos que possam vir a contribuir para o aprofundamento das pesquisas e dos debates em seu interior.

Os novos tempos engendraram um avanço na direção de formas híbridas de pensamento acerca dos fenômenos. As disciplinas não se bastam mais em seus campos específicos de reflexão, dada a complexidade que os objetos demandam.

Nesse sentido foi que defendemos a idéia da abertura de uma interface entre a Educação Popular e as teorias da comunicação, particularmente os Estudos de Recepção, onde, dos anos 1980 para cá, os pesquisadores da comunicação vêm defendendo novas posturas diante da complexidade em que consiste atualmente a tarefa de compreendermos os espaços de negociação permanente entre os sujeitos que emitem as mensagens e os sujeitos que as “percebem”.

Ao empreendermos a tarefa de dialogarmos com alguns dos autores dos Estudos de Recepção através de seus trabalhos científicos, pudemos nos dar conta de como estes estudos podem contribuir como uma pedagogia para os meios. Notadamente, pudemos perceber como Paulo Freire tem influenciado fortemente o professor doutor Guillermo Orozco Gomes, da Universidade de Guadalajara, México, pesquisador latino-americano dos processos de recepção dos meios de comunicação e da inter-relação comunicação/educação. Segundo Orozco:

¹⁰ ARAÚJO, Inesita & JORDÃO, Eduardo. Velhos Dilemas, Novos Enfoques: uma contribuição para o debate sobre estudos de recepção. In: PITTA, Áurea M. da Rocha (org.) *Saúde e Comunicação — visibilidades e silêncios*. São Paulo : Hucitec, 1995. p. 177.

Um dos autores que mais me inspirou e motivou foi Paulo Freire. Estudei toda a sua obra quando estava na universidade. Como educador, tive de fazer um pouco o tipo de educação inspirado na metodologia de Paulo Freire que, afinal, (...) é uma proposta de intervenção pedagógica. Isso me possibilitou a condição de efetivar um trabalho altamente consciente durante esses anos (...) e esse era muito do significado que Paulo Freire passava: poder transformar.¹¹

Desconfiávamos, desde o princípio, de que esta questão seria peça-chave para nossa intervenção pedagógica no sentido freireano da “problematização” do tema em questão. Sobre isto também Orozco se posiciona:

...se o objetivo for modificar e ao mesmo tempo influir no processo educativo das pessoas, a pesquisa de recepção é uma porta de entrada. Uma vez conhecidos os receptores e suas interações, poder problematizá-las no sentido de Paulo Freire, tratar de melhorar essa interação para benefício dos próprios sujeitos. E por aqui creio que encontrei esta maneira de vincular o educativo com o comunicativo: pesquisar para intervir e propor estratégias que transformem e modifiquem as interações dos sujeitos com os meios.¹²

Foram estes argumentos de Orozco que então viriam a justificar ainda com maior vigor o caminho que percorríamos. Ao procurarmos investigar os professores como receptores, estaríamos dando forma ao que nos propúnhamos desde o início da pesquisa: efetuar uma proposta pedagógica para os meios de comunicação, particularmente os que fazem uso das imagens em movimento. Isto é, ao mesmo tempo que ao levantarmos os depoimentos dos professores a fim de que eles pudessem compreender como as suas distintas experiências culturais os marcam diferentemente quanto à percepção dos produtos audiovisuais, estaríamos também levando a cabo a materialização de uma interface entre os Estudos de Recepção e a Educação Popular.

Contudo, os Estudos de Recepção atualmente são reconhecidamente uma área de estudos de grande densidade. São muitas as reflexões que vêm sendo realizadas por seus pensadores tanto do ponto de vista dos temas e suas problematizações, quanto do ponto de vista metodológico e epistemológico.

Nesse sentido, também serviram de paradigma investigativo para esta pesquisa, do ponto de vista da problematização do tema que contempla as relações dos sujeitos e as mídias, os estudos desenvolvidos por Mauro Wilton de Souza, que tem empreendido uma busca pelo sujeito nos estudos de recepção¹³. Este estudo de Mauro Wilton colaborou fundamentalmente para que mudasse a nossa compreensão do sujeito e suas inter-relações com a comunicação.

Finalmente, e isto veremos a seguir, como que o filósofo Jesus Martín-Barbero, assessor do Instituto de Estudos sobre Culturas e Comunicação da Universidade Nacional da Colômbia, contribuiu sobremaneira para a mudança do enfoque sobre o objeto e os sujeitos de nosso estudo. A sua obra “De los Medios a las Mediaciones”¹⁴ representou um marco de mudança de percurso em nossa caminhada. Esta obra viria a influir diretamente

¹¹ FÍGARO, Roseli. Uma Pedagogia para os Meios de Comunicação: aprender a ensinar para transformar, eis a preocupação de Guillermo Orozco Gómez ao tratar do campo comunicação/educação (entrevista). *Comunicação e Educação*, São Paulo, (12) : pp.77-88, maio/ago,1998. p. 78

¹² Idem. Ibid. p. 78.

¹³ SOUZA, Mauro Wilton de. Recepção e Comunicação: a busca do sujeito. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo : Brasiliense, 1995. pp. 13-38.

¹⁴ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los Medios a las Mediaciones*: comunicacion, cultura e hegemonia. Barcelona : Gustavo Gili, 1987. Fomos informados de que existe uma versão em português, mas não conseguimos encontrá-la até este momento.

na maneira de focar as relações entre os professores entrevistados e observados e as formas como estes significam os meios.

3. Indicativos e formulação hipotética da necessidade de mudança de paradigma

São muitos os problemas encontrados atualmente no interior de uma escola rural. Porém, talvez um dos mais contundentes, que encontramos nas falas de alguns professores, sejam dúvidas acerca do tratamento que deve ser dado frente à penetração maciça da televisão no interior do assentamento. Estes depoimentos foram tomados ao longo de nossas primeiras visitas à escola em vários momentos distintos: durante as conversas nos intervalos das atividades de um projeto de formação de professores com o qual colaboramos e participamos¹⁵; colhendo feijão com a comunidade escolar; nas noites que, excitados pela companhia benfazeja da cuia de chimarrão, se estendiam em conversas sem fim; e nos momentos das refeições e letargias subseqüentes àqueles desfrutes gastronômicos que nossa memória-paladar não esquece.

Naqueles momentos, foram muitas e instigantes as observações feitas pelos professores: a professora Nena nos dizia “a gente não sabe o que fazer. Nós tentamos passar um pouco de crítica para nossos alunos, mas eles passam a tarde vendo a Angélica, os pais, o jornal e as mães, as novelas”, ou ainda, a mesma professora, agora referindo-se ao poder das imagens, sentenciava que “a televisão é muito perigosa. É tudo muito cinematográfico”. Nena também nos alertava para o fato de que “a televisão é uma coisa montada”, ou ainda o professor Adílio observava que “tem uma psicologia de convencimento por detrás da televisão” e, finalmente, também Adílio, referindo-se ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e as mídias, afirmava que “a mídia esconde nossos líderes”.

De posse desses primeiros depoimentos, entendemos, então, que os professores estavam nos convidando a vê-los como sujeitos que, por estarem já em contato com as mídias ao longo de suas vidas, vinham tratando de problematizá-las no interior do lugar cultural em que trabalham, a despeito da força aglutinadora do MST que os integra ideologicamente. Isto é, ao mesmo tempo que a comunidade de assentados se identifica com propostas de mudança da ordem vigente através dos símbolos que congregam os integrantes do MST, por outro lado, também encontra identidade na programação sensacionalista veiculada pela televisão brasileira.

Entretanto, por mais que estes professores, sujeitos que em maior ou menor grau participam do MST, encontrem-se em sintonia identitária quanto à especificidade das lutas que os movem (a luta pela reforma agrária, a luta por uma política agrária, a luta por uma sociedade igualitária, a luta pela preservação dos valores culturais regionais etc.), é importante levar também em consideração que estes sujeitos são corpos distintos, marcados por diferentes trajetórias históricas, culturais, psicológicas e sociais ao longo de suas vidas. Portanto, à medida que eles se encontram em confronto com os fenômenos que lhes aparecem como problemáticos, acabam significando estes mesmos fenômenos mediados por suas próprias histórias de vida, dos rastros e marcas que a vida deixa como legado indelével de um percurso singular.

¹⁵ Este projeto, coordenado pela professora Maria Isabel Batista Serrão, do Departamento de Metodologia de Ensino do CED – UFSC, ainda se encontra em funcionamento. Seu objetivo principal é a *Formação do Professor Leitor e Escritor* — este é o nome do projeto —, com vistas a tornar mais presente nos professores a necessidade do trabalho com os registros de suas atividades. Nossa colaboração se limitou a uma exposição sobre a linguagem audiovisual e ampla participação nos debates subseqüentes aos estudos propostos pela professora Maria Isabel.

Desse modo, o que procurávamos, então, era o que dizia respeito ao que medeia cada um dos sujeitos professores ao atribuir sentidos diante do contexto das mídias das imagens em movimento. Aventávamos a hipótese de que estes professores, por estarem detectando problemas relativos à interferência das mídias no cotidiano escolar, deveriam estar também tratando de desenvolver reflexões e práticas metodológicas com vistas à solucionar o problema da influência do fenômeno televisivo em seus cotidianos.

Mas para que os professores produzissem estas reflexões e práticas metodológicas, supúnhamos que, para tanto, estariam sendo mediados por suas experiências com as mídias e pelas relações sociais que estabeleceram ao longo de suas vidas. E é isto que veremos a seguir: como o estudo de compreensão do popular, a partir da categoria “mediação”, possa contribuir para o entendimento das culturas populares diante do fenômeno televisivo.

4. Eixo teórico: Mediações como espaço de negociações pela hegemonia.

Entre os pressupostos da Moderna Tradição Latino Americana dos Estudos de Recepção, foram especialmente as reflexões de Jesus Martín-Barbero que acabaram por servir como aporte teórico desse trabalho.

Diante dos primeiros indicadores obtidos em nosso primeiro contato com os professores, nossa necessidade de mudança de enfoque foi encontrar guarida, sobretudo, nos estudos empreendidos por Barbero. Logo no início de sua obra *De Los Medios a las Mediaciones*, Barbero argumenta ser necessário:

Mudar o lugar das perguntas [dos meios às mediações], para tornar investigáveis os processos de constituição da massa por fora da chantagem culturalista que os converte inevitavelmente em processos de degradação cultural. E, para isto, investigá-los desde as mediações e os sujeitos, isto é, desde a articulação entre práticas de comunicação e movimentos sociais.¹⁶

À medida que tínhamos como demanda contemplar as mediações entre os sujeitos professores integrados em um reconhecido movimento social, o MST, e suas práticas com a comunicação, foi que este estudo de Barbero nos apareceu como uma referência para buscar compreender as mediações entre a consciência dos professores e a oferta dos produtos audiovisuais disponíveis (televisão, vídeos e cinema). Entretanto, logo pudemos dar-nos conta de que para conseguirmos a materialização das mediações que procurávamos, Barbero nos incitava a tomar a cultura como ponto de partida, afirmando que:

...algo radicalmente distinto se produz quando o cultural indica a percepção de dimensões inéditas do conflito social, a formação de novos sujeitos — regionais, religiosos, sexuais, geracionais — e formas novas de rebeldia e resistência. Reconceitualização da cultura que nos enfrenta a existência dessa outra experiência cultural que é popular, em sua existência múltipla e ativa não somente em sua memória do passado, mas em sua conflitividade e criatividade atual. Pensar os processos de comunicação, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança que proporcionava a redução da problemática da comunicação à das tecnologias.¹⁷

¹⁶ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los Medios a las Mediaciones*: comunicacion, cultura e hegemonía. Barcelona : Gustavo Gili, 1987, p. 11.

¹⁷ Idem, *ibid.* p. 226

Um dos referenciais teóricos com o qual Barbero constrói seu conceito de cultura, podemos encontrar nas investigações sobre as quais tem se debruçado Canclini em suas pesquisas acerca das culturas populares no capitalismo. E o conceito de cultura, para Canclini, demanda:

...restringir o uso do termo cultura para a produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido.¹⁸

E é nesse palco, onde ocorrem as lutas pela cultura, quanto “à administração, renovação e reestruturação do sentido”, que Barbero “refere-se à concepção (...) de hegemonia para explicar a formação de mediações”¹⁹. Segundo White:

A hegemonia, para Martin-Barbero, não está assegurada de uma vez por todas por uma única classe dominante, mas é um campo de batalha entre muitos atores e palco de novas alianças. O poder não é primordialmente exercido pela força, mas por manobras para definir símbolos culturais da sociedade.²⁰

Diante disso, o funcionamento da sociedade seria quase como um campo de lutas onde não encontraríamos efetivamente nenhuma forma de hegemonia pura, mas sim, utilizando uma metáfora de Barbero, de “mestiçagens”²¹. Mas ao tratar das culturas como formas híbridas da produção de sentidos, Barbero se pergunta “como pensar a identidade enquanto segue imperando uma razão dualista, apegada em uma lógica da diferença que trabalha levantando barreiras, que é a lógica da exclusão e da aparência?”²²

Para Barbero, as mediações aparecem como elementos de ligação entre o poder hegemônico da indústria cultural e os sentidos que lhes são atribuídos pelas audiências organizadas em movimentos sociais. E, nesse sentido, ele propõe:

...em lugar de fazer partir a investigação da análise das lógicas da produção e da recepção, para buscar depois suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das mediações, isto é, dos lugares de onde provêm as constrictões que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão. A modo de hipótese, que recolhe e dá forma a uma série de buscas convergentes (...), se propõem três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.²³

De acordo com Barbero, a cotidianidade familiar aparece como importante mediação entre a produção e o consumo da televisão. Para ele:

Se a televisão na América Latina tem a família como unidade básica de audiência, é porque ela representa para as maiorias a situação primordial de reconhecimento. E não pode entender-se o modo específico em que a televisão interpela à família sem interrogar a cotidianidade familiar enquanto lugar social de uma interpelação fundamental para os setores populares.²⁴

¹⁸ CANCLINI, Néstor García. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo : Brasiliense, 1983. p. 29.

¹⁹ WHITE, Robert A.. Tendências dos Estudos de Recepção. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo, (13): 41 a 66, set./dez. 1998. p. 55

²⁰ Idem. *ibid.* p. 55

²¹ MARTÍN-BARBERO, Jesus. Op. Cit. p. 204.

²² Idem. *Ibid.* p. 205

²³ Idem. *ibid.* p. 233

²⁴ Idem. *ibid.* p. 233-234.

O que Barbero argumenta aqui é que ao mesmo tempo que a família aparece como mediação para o desenvolvimento das programações produzidas pelas emissoras de televisão, e também outras mídias de massa, ela também aparece interpelada a ser mediação de si mesma em um espaço de negociações em que a televisão também é interpelada a mediar a convivência no cotidiano familiar. Nesse sentido, pareceu-nos de grande relevância pedir permissão aos professores para que nos deixassem “adentrar” suas vidas privadas, formulando questões que indagassem acerca de seus cotidianos domésticos relacionados ao uso da televisão e do videocassete. Isto se deu em função de acreditarmos poder encontrar aí importantes sentidos que eles atribuiriam à televisão como um elemento “interferidor” nas relações familiares.

Por sua vez, a temporalidade social é sobre a qual se assenta a matriz cultural do tempo. Isto é, todas as culturas possuem formas distintas de se relacionar com o tempo, ou melhor, o tempo de que se dispõe, aparte do que é controlado sistematicamente pelas instituições públicas ou privadas, é significado e utilizado de inúmeras maneiras pelas mais diversas culturas. Sobre isso Barbero nos convida a refletir que:

Enquanto em nossa sociedade o tempo produtivo, o valorizado pelo capital, é o tempo que “corre” e que se mede, o outro, de que está feita a cotidianidade, é um tempo repetitivo, que começa e acaba para recomeçar, um tempo feito não de unidades contáveis, mas de fragmentos.²⁵

O tempo do “ócio”, ou seja, aquele não controlado pelo capital, aparece nos indivíduos como fluido, desprovido de singularidade. Em outras palavras, não é possível precisar o que uma determinada comunidade está fazendo concomitantemente com o tempo de que dispõe. Ele não é possível de ser equacionado porque, justamente, encontra-se fragmentado entre o que se começa e recomeça sem a precisão do apito da fábrica e o “estalar do chicote” do gerente de produção.

Logo, nos perguntarmos o que os professores fazem com o tempo extra-escolar no contato com as mídias nos pareceu muito profícuo. Isto ocorreu porque acreditamos que também seus cotidianos domésticos acabam por enveredar para o interior do espaço escolar como mediação articuladora das práticas de abordagem das mídias.

Finalmente, a competência cultural, para Barbero, é onde se encontra:

[a] diferenciação entre uma cultura gramaticalizada — aquela que remete a intelecção e fruição de uma obra às regras explícitas da gramática de sua produção — e uma cultura textualizada: onde o sentido e o prazer de um texto remetem sempre a outro texto, e não a uma gramática, como acontece no folclore, na cultura popular, na cultura de massa. Da mesma maneira que a maioria das pessoas vai assistir cinema, isto é, um filme policial ou de ficção-científica ou de aventuras, do mesmo modo a dinâmica cultural da televisão atua por seus gêneros. A partir destes, ativa a competência cultural e, a seu modo, dá conta das diferenças que a atravessam. Os gêneros, que articulam narrativamente as serialidades, constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos.²⁶

Durante o processo de nossas investigações, a recorrência aos gêneros pelos professores proliferam nos depoimentos. Barbero, ao recorrer aos gêneros para averiguar a competência cultural à qual se refere, pleiteia que estes estejam como que num entremeio dos espaços de negociação entre as mídias e os consumidores, isto é, estes espaços seriam um subproduto entre as demandas por formatos com os quais o popular se projeta e se

²⁵ Idem. *ibid.* p. 236.

²⁶ Idem. *ibid.* pp. 238-239.

identifica e, por outro lado, os produtores reftreando seus potenciais criativos nos limites da compreensão gramatical pelo popular. Do nosso ponto de vista, pensávamos poder encontrar aí possíveis mediações, negociações, entre os professores e o poder de sedução articulado em torno das produções dessa natureza. Desse modo, ao se dirigirem para o espaço escolar, estes professores carregam consigo elementos desse convívio cotidiano que estabelecem com as mídias. Isso torna-se possível, segundo Silvia Borelli, porque:

Numa perspectiva mais geral, os gêneros ficcionais — matrizes culturais universais, recicladas e transformadas na cultura de massa — aparecem como elementos de constituição do imaginário contemporâneo e de construção da mitologia moderna: reposição arquetípica, aclimação do padrão originário a uma nova ordem, e instrumentos de mediação das projeções e identificações com o público receptor.²⁷

Ao tomarmos como aporte teórico estas reflexões de Barbero, pudemos compreender que qualquer tentativa precipitada de compreensão homogênea de um lugar cultural acaba implicando sério prejuízo investigativo. Dada a complexidade dos novos pontos de vista onde se coloca a ciência contemporânea para olhar a sociedade, cumpre aos pesquisadores ampliarem suas buscas rumo ao que liga as coisas umas às outras neste complexo sistema representado por homens e mulheres.

5. Considerações finais

Ao longo de nosso trabalho de investigação, partindo do ponto de vista da Educação Popular como campo de investigação científica e área de atuação pedagógica, para compreender o ponto de vista dos sujeitos sociais diante das mídias, pudemos nos dar conta de que esta linha de pesquisa pode encontrar uma significativa parceria na realização de uma interface com a Moderna Tradição Latino Americana dos Estudos de Recepção. Por encontrar em ambas uma profunda sintonia no que diz respeito ao olhar o “popular” a partir do popular, é que esta aproximação torna-se não somente profícua, como necessária.

A medida que devemos considerar a larga experiência reflexiva que os pesquisadores dos Estudos de Recepção possuem nos estudos que compreendem a especificidade do que se passa no “popular” diante das mídias e das mídias diante do “popular”, esta linha de investigação aparece como possibilidade de preenchimento de uma lacuna no sentido de colaborar com a Educação Popular dentro de seu próprio campo de ação.

Assim, ao transplantarmos o tema das mediações entre os sujeitos e as mídias para o interior do espaço escolar, acreditamos, sobremaneira, que professores e alunos, em uma perspectiva intercultural, possam estar encontrando aí elementos significativos de compreensão do “outro” ao mesmo tempo que semelhante e também diferente na atribuição de sentidos.

E isto é relevante, sobretudo, porque a sociedade contemporânea, em sua pluralidade cultural, comporta diversas tramas de uma enorme rede constituída pelos diversos movimentos sociais organizados. Cada um destes grupos possui, muitas vezes, posturas distintas diante dos fenômenos e dos problemas com os quais se deparam em seus cotidianos. Posturas estas que emergem dos indivíduos em pluralidades de pensares, mas que, por força do organismo do qual fazem parte, surgem como uma massa homogênea. Isto é, os estatutos, o discurso normativo do funcionamento coletivo do Movimento, acobertam muitas invisibilidades que acabam por ocultar importantes demandas que não aparecem, se vistas de fora, porque são encontradas somente nos sujeitos.

²⁷ BORELLI, Silvia Helena Simões. Gêneros Ficcionalis: materialidade, cotidiano, imaginário. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. SP, Brasiliense, 1995. p. 71.

Ao serem interrogados sobre o uso dos recursos audiovisuais em seus cotidianos, os professores abriram um leque de procedimentos metodológicos quanto às suas utilizações. Isto, acreditamos, se deve ao fato de que foram diferentes a intensidade e frequência do contato, tanto quantitativo quanto qualitativo, com estes meios-instrumentos pedagógicos.

Pudemos também nos dar conta dos sentidos e dos modos como os professores significam as mídias. Em um exercício de ativação da memória (memória social), legado de marcas e rastros de si mesmos, foi no depoimento de suas histórias de vida que pudemos encontrar as mediações. Estas mediações, produto da experiência cultural e política destes professores, acabam se manifestando como um engajamento profundo em um projeto de ruptura com o discurso hegemônico na forma de resistência e descontinuidade para com a ordem vigente.

Por outro lado, porém, pudemos perceber, a vida “sorriu” de maneira distinta a cada um deles. Enquanto alguns muito pouco contato tiveram com experiências (mediações) que permitissem uma maior aproximação com a linguagem e os “guetos” que produzem estes “textos”, para outros, por sua vez, e por várias circunstâncias, a vida permitiu que experimentassem com maior intensidade o exercício “de” e “do” olhar as imagens em movimento.

Mas não obstante esta diferenciação emerge, aproximando-os uma cultura em construção e profundamente marcada pelo político. Poderíamos ousar dizer que estes professores partilham de um discurso de resistência e transformação da sociedade, o que os acaba aproximando no sentido de formação de uma cultura que é forjada a cada dia. E sendo assim, de conflitos em conflitos, decorrência geo-histórica e cultural dos vários lugares de que cada um deles provém, estes mesmos conflitos vão ora se amainando, ora protuberando, em um espaço intercultural que lhes acaba permitindo trocas de saberes que colaboram no sentido de formação de uma nova identidade cultural.

Mas, é importante frisar, a existência de tais conflitos não seria perceptível, não fosse o mergulho com os professores no seu dia-a-dia. Participando de suas angústias, de suas certezas e incertezas, partilhando os sonhos de construção de um mundo mais justo e igualitário, foi que conseguimos materializar os sentidos que estes sujeitos atribuem às suas percepções e maneiras de compreender o mundo. Temos observado que isto somente é possível à medida que rompemos com a idéia da unilateralidade do processo comunicativo.

As pesquisas que via de regra levam em consideração como variável fundamental os impactos e os efeitos, correm o sério risco de perderem a heterogeneidade das invisibilidades que estão coladas nos indivíduos. Daí a necessidade de se vivenciar o conflito no interior dos movimentos sociais. É principalmente no dissenso que se materializam os sentidos e os significados que os sujeitos atribuem às coisas do mundo; e isto pudemos experimentar um pouco a cada dia em que lá estivemos.

Pudemos comprovar, em nossa vivência e convivência nas lutas do MST, que a consciência crítica não depende exclusivamente de um vasto conhecimento filosófico no sentido de uma *paidéia*, de uma uniformização do saber historicamente acumulado pela humanidade. Mas que isto depende fundamentalmente de uma relação cotidiana com a necessidade de transformação do contexto como necessidade vital de sobrevivência dos sonhos e, por conseguinte, da esperança. Portanto, ao universo acadêmico em seus estatutos, muito voltado ao refletir teórico e pouco voltado à ação transformadora concreta da sociedade, uma aproximação com as práticas populares dos movimentos sociais, especialmente o MST, pode em muito colaborar para o próprio redimensionamento de seus caminhos paradigmáticos, o que, por sua vez, em um exercício de troca, podem também os

acadêmicos contribuir para com o exercício da sistematização reflexiva no interior dos movimentos sociais. Sobre isto argumenta Freire que:

Assim como não é possível identificar teoria com verbalismo, tampouco o é identificar prática com ativismo. Ao verbalismo falta a ação; ao ativismo, a reflexão crítica sobre a ação.²⁸

E esta possibilidade de reflexão crítica sobre a ação, segundo pudemos ver que Orozco vem procurando desenvolver em uma aproximação com Paulo Freire, deixa aqui as portas abertas para a existência de um segundo momento neste trabalho que por ora acreditamos ter cumprido modestamente seus objetivos: o levantamento das posturas dos professores, que mediados por suas culturas, constróem a cada dia uma nova cultura profundamente marcada pelo político e que podem ser problematizadas a partir das diferenças de sentidos que a pluralidade de experiências localizadas nos professores possam contribuir no sentido da transformação do contexto em que se inserem.

Desse modo, à medida que pudemos colaborar com este tipo de discussão, tanto no interior da escola pesquisada quanto na academia, acerca do fenômeno dos meios de comunicação de massa, particularmente o uso crítico dos recursos audiovisuais no espaço escolar, é que esperamos poder ter também contribuído de maneira significativa para que a sociedade, em seus espaços de negociações, se precipite para a construção de uma cidadania profundamente resignificada socialmente, capaz de fazer valer seus interesses também no campo das comunicações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALFABETIZAÇÃO. Caderno de Educação nº 2. São Paulo : Coletivo Nacional do Setor de Educação. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, 3ª ed., 1998.
2. ARAÚJO, Inesita & JORDÃO, Eduardo. Velhos Dilemas, Novos Enfoques: uma contribuição para o debate sobre estudos de recepção. In: PITTA, Áurea M. da Rocha (org.) *Saúde e Comunicação* — visibilidades e silêncios. São Paulo : Hucitec, 1995.
3. BAUDRILLARD, Jean. *A Troca Simbólica e a Morte*. São Paulo : Loyola, 1996.
4. BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. In: Coleção Primeiros Passos. São Paulo : Brasiliense, 1980.
5. BORELLI, Silvia Helena Simões. Gêneros Ficcionalis: materialidade, cotidiano, imaginário. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo : Brasiliense, 1995.
6. CALADO, Alder Júlio Ferreira. Reproblematicando o(s) conceito(s) de Educação Popular. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Educação Popular Hoje*. São Paulo : Loyola, 1998.
7. CANCLINI, Néstor Garcia. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo : Brasiliense, 1983.
8. COMO FAZER A ESCOLA QUE QUEREMOS: O planejamento. Caderno de Educação nº 6. Porto Alegre : Coletivo Nacional do Setor de Educação. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, 1995.

²⁸ FREIRE, Paulo. *Ação Cultural Para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 17.

9. CORDELIAN, W., GAITAN, Juan Antonio & OROZCO-GOMEZ, Guillermo. A Televisão e as Crianças. In: *Comunicação e Educação*, São Paulo, (7) : 45 a 55, set./dez. 1996.
10. ENSINO DE 5ª A 8ª SÉRIE EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO: Ensaaiando uma Proposta. Coletivo Nacional do Setor de Educação. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, 1995.
11. FÍGARO, Roseli. Uma Pedagogia para os Meios de Comunicação: aprender a ensinar para transformar, eis a preocupação de Guillermo Orozco Gómez ao tratar do campo comunicação/educação (entrevista). *Comunicação e Educação*, São Paulo, (12) : pp.77-88, maio/ago,1998.
12. FLEURI, Reinaldo Matias. Educação Popular e Complexidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Educação Popular Hoje*. São Paulo : Loyola, 1998.
13. FREIRE, Paulo. *Ação Cultural Para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
14. GONÇALVES, Elisa Pereira. Educação Popular: entre a modernidade e a pós-modernidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Educação Popular Hoje*. São Paulo : Loyola, 1998.
15. HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. [The question of Cultural Identity]. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro : DP&A, 1999.
16. IBGE. PNAD — Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio. Rio de Janeiro, 1998.
17. LOPES, Maria Immacolata V.. Estratégias Metodológicas da Pesquisa em Recepção. In: *INTERCOM*, Rev. Bras. de Com. São Paulo, Vol. XVI, nº 2, jul./dez. 1993.
18. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los Medios a las Mediaciones: comunicacion, cultura e hegemonía*. Barcelona : Gustavo Gili, 1987.
19. MAZA E., Gonzalo de la. Abrir Janelas para o Futuro: cinco reflexões sobre alianças para a educação popular. In: GARCIA, Pedro Benjamim (org.). *O Pêndulo das Ideologias: a educação popular e o desafio da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
20. MEJÍA, Marco Raúl. Educação e Política: fundamentos para uma nova agenda latino-americana. In: GARCIA, Pedro Benjamim(org.). *O Pêndulo das Ideologias: a educação popular e o desafio da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
21. NASCIMENTO, Severina Ilza do. Repensando a Educação Popular no Processo de Metamorfose da Sociedade Global — novas problemáticas. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Educação Popular Hoje*. São Paulo : Loyola, 1998.
22. ORLANDI, Eni P.. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas : Pontes, 1999.
23. PATLAGEAN, Evelyne. A História do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo : Martins Fontes, 1993.
24. SIEWERDT, M. J. Da Cultura como Mediação à Mediação como Cultura Política: Um estudo de recepção com educadores do MST frente aos recursos audiovisuais. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. 120 p. (Dissertação, Mestrado).
25. SOUZA, Mauro Wilton de. Recepção e Comunicação: a busca do sujeito. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

26. WHITE, Robert A.. Recepção: a abordagem dos estudos culturais. In: *Comunicação e Educação*, São Paulo, (12) : 57 a 76, maio/ago. 1998.
27. _____. Tendências dos Estudos de Recepção. In: *Comunicação e Educação*, São Paulo, (13): 41 a 66, set./dez.. 1998.